

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

17.º Anno

I DE MARÇO DE 1894

XVII Volume — N.º 547



UM PESCADOR DO SUL

(Quadro de Blaas)



CHRONICA OCCIDENTAL

Bem appellavamos nós, na nossa ultima chronica, para o *Falstaff*, como desforra para o Maurel da frieza da sua estreia, e para nós da semsaboria da nossa primeira noite lyrica d'este anno.

O *Falstaff* veio e eu por mim dou-me por completamente desforrado, porque foi de noite da primeira representação da famosa opera de Verdi figura entre as minhas melhores noites de S. Carlos, e creio bem que o illustre barytono se dará tambem como desforrado do seu *Fausto*, porque o *Falstaff* valeu-lhe uma das mais calorosas e entusiasticas ovações, que se tem feito em Lisboa.

Dizemos calorosa e entusiastica e devemos acrescentar justissima, pois foi de todo o ponto nimiamente justa essa ovação, porque o desempenho, que Maurel dá ao *Falstaff* é simplesmente prodigioso.

Quem vê o Maurel no *Fausto* percebe logo que esta ali um excellente artista, que canta como um bom mestre e representa como um bom actor, mas é preciso vê-lo no *Falstaff* para o ficar admirando pelo seu justo valor, para comprehender bem como e porque é que elle é hoje o primeiro barytono do mundo.

A criação de *Falstaff* é um d'esses trabalhos assombrosos, que marcam época na historia da arte como a de *Robert Macaire* por Frederico Lemaître, a da *Adrianna Lecouvreur* pela Rachel, a da *Carmen* pela Galli-Mariée.

Não se consegue aquella correcção perfeitissima de execução, aquelle acabamento primoroso dos mais pequenos promenores, sem um talento enorme e uma arte consumada, talento e arte que fazem com que Maurel apesar de todas as deficiencias da sua voz, seja legitimamente considerado, dos cantores contemporaneos, como o primeiro entre os primeiros.

Depois de durante todo o inverno não ter, n'estas chronicas, dedicado ao theatro de S. Carlos senão umas rapidas linhas, escriptas a correr sobre informaçoes alheias, vejo-me forçado a consagrar-lhe quasi exclusivamente duas chronicas a seguir, a da semana passada porque se tratava da estreia de Maurel, a de hoje porque se trata da primeira representação de *Falstaff*, da ultima opera de Verdi, opera que constitue um dos principaes acontecimentos artisticos, não d'um ou d'outro paiz, mas da Europa inteira, no ultimo quartel do seculo XIX.

O *Falstaff* não se limita a ser uma opera nova, é uma novidade na opera; não inaugura uma nova maneira na obra de Verdi, como inaugurou a *Aida*, inaugura um novo genero no mundo musical, a comedia lyrica, que nem é a opera buffa italiana nem a opera comica franceza, que é uma cousa aparte, uma cousa que não se parece com cousa alguma conhecida, que constitue uma verdadeira novidade.

Foi essa novidade, que produziu a grande sensação que fez o *Falstaff* quando no anno findo nasceu para o mundo lyrico no Scala de Milão, na noite de 9 de Fevereiro, é essa novidade que é um verdadeiro prodigio, um phenomeno psychologico, como, sem o explicar-lhe chama Lombroso, brotando do espirito d'um velho, do cerebro d'um homem de 83 annos.

Aos 80 annos conceber e executar uma obra d'arte chega a ser quasi inacreditavel, mas uma obra d'arte cheia de frescura, de jovialidade, d'alegria, como o *Falstaff*, uma obra que sae completamente de todos os moldes conhecidos, que inaugura um genero novo, um genero totalmente opposto aquelle em que se trabalhou uma vida inteira, é realmente inconcebivel, é positivamente inverosimil, e no fim de contas é perfeitamente verdadeiro, como de resto acontece a muitas coisas inverosimeis.

O poema de *Falstaff* é feito pelo librettista hoje querido de Verdi, Arrigo Boito, o illustre maestro do *Mephistofeles* e do *Nero*, que é ao mesmo tempo um dos mais notaveis poetas da Italia contemporanea.

O libreto é feito sobre as *Alegres mulheres de Windsor* e segue quasi passo a passo a famosa comedia Shaksperiana, com as liberdades prometidas aos transformadores de comedias em poemas d'opera, e com uma ampliação estudada muito conscienciosamente nas outras duas peças de Shakspeare, em que apparece o tio Ruffião, o Satan de Barbas brancas, o vicio veneravel, a bola humana, o armazem de cebo, epithetos com que brindava Falstaff o principe de Galles, que nas

suas horas de expansão o tratava amigavelmente por — «seu caro roast beef.»

As *Alegres mulheres de Windsor* são uma das comedias mais alegres de Shakspeare, do mesmo modo que o seu protagonista é o typo mais comico, mais grotesco, de toda a vastissima galeria Shaksperiana.

Nascidas d'uma novella italiana de Giovanni Florentino, — a mesma novella a que Molière foi tirar a sua *Escola dos Maridos*, que nascida da mesma mãe não se parece nada com a peça de Shakspeare, — as *Alegres mulheres de Windsor* são a epopeia grotesca do gordo Falstaff.

Foi essa epopeia grotesca, que seduziu o espirito de Verdi, — espirito profundamente dramatico, como o prova toda a sua enorme obra, onde apenas ha uma tentativa d'opera buffa, feita ha muitos annos e que cahiu redondamente — *Un giorno di regno* — foi essa alegrissima comedia que elle se divertiu — pois o *Falstaff* não foi feito senão como uma brincadeira! — a pôr em musica por uns processos novos, originaes, que fizeram uma revolução no mundo musical.

A primeira novidade da ultima opera de Verdi é não ter symphonia, nem *ouverture* nem introdução. Não tem nada: quatro compassos apenas e ergue-se o panno, e a comedia desliza jovialmente, sem uma paragem, nem uma repetição, sem *romanzas* nem *arias* nem *duettos*, tudo em dialogos musicaes, com uma *verve*, um espirito, uma graciosidade, que encantam, com uma pujança de talento, uma frescura de inspiração, e um poder de sciencia, que deslumbram.

Acabamos de ouvir o *Falstaff* pela primeira vez e muitas das suas bellezas passaram nos decerto desapercibidas, porque não é n'uma unica audição, que se fica conhecendo intimamente uma obra como aquella.

Entretanto, apesar de toda a novidade dos seus moldes e das difficuldades da sua musica, percebe-se muita cousa do *Falstaff* logo á primeira vez, e até ficam algumas no ouvido.

A sahida do theatro ouvimos cantarolar tres phrases da opera — a do namoro — a deliciosa phrase — *Boca baciada non perde ventura*, a do *Puggio*, que é um encanto, cantada por Maurel e que o publico fez repetir tres vezes na primeira noite — e a graciosa *Reverenza* que a contralto Guerrin diz perfeitamente.

O 1.º e 2.º acto do *Falstaff* são esplendidos e agradaram immenso logo na primeira audição. O 3.º parece um pouco menos brilhante, mas tem em compensação uma serie de peripecias engraçadas, de situações comicas, que mantem sempre o interesse e termina originalissimamente com uma *fuga* difficilima, que produziu grande entusiasmo no 1.ª noite em Milão e cuja letra se resume no velho proverbio francez: — *Rira bien qui rira le dernier*.

O desempenho do *Falstaff* foi excellente e não ha senão que dizer bem de todos, de primeiros artistas, de segundos artistas, de maestros, de côros, de orchestra, de scenographo, de tudo.

Como veem foi uma noite verdadeiramente excepcional em S. Carlos, a da primeira do *Falstaff*.



E agora meus caros leitores as novidades de Lisboa acabaram-se por oito dias, porque as festas do quinto centenario do Infante D. Henrique, no Porto, abrem um parenthesis de oito dias na vida de Lisboa.

As festas portuenses promettem ser esplendidas e ha por ellas grande entusiasmo. Suas Magestades El Rei D. Carlos; a Rainha D. Amelia, o principe Real e o principe da Beira partem para o Porto hoje de manhã e devem regressar no dia 7. Do governo vão os srs. presidente do conselho, ministro do reino, da marinha e das obras publicas acompanhando Suas Magestades.

A companhia de S. Carlos tambem interrompe os seus espectaculos em Lisboa para ir ao Porto dar tres recitas sendo uma de gala.

A assignatura para essas tres recitas cobriu-se n'um abrir e fechar d'olhos e o entusiasmo pela recita de gala é tal, que houve quem comprasse um camarote de 2.ª ordem, só para essa recita por 2700000!



E ao contrario do que geralmente tem acontecido fechamos a nossa chronica de hoje com duas noticias agradabilissimas: a do regresso á Ajuda de S. M. a Rainha a sr.ª D. Maria Pia e de seu filho o infante D. Affonso, e a do completo restabelecimento de sua alteza

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

UM PESCADOR DO SUL

O pescador do quadro de Blaas é um typo d'essa grande familia que exerce a industria mais primitiva e ao mesmo tempo mais arriscada de toda a parte.

Entretanto o pescador que se desenha no quadro é muito nosso conhecido, encontra-se com aquelle traje e com aquelle cara, nas nossas praias do sul, quer em Cezimbra, Trafaria, Cascaes, Ericeira, ou no Algarve.

E' um rapaz, e no entanto, desde o berço que se costumou ao rugir do mar, e quando pequenino brincando na areia da praia, quantas vezes as ondas vieram beijar-lhe os pesitos nus, como que regando aquella terra vergontea, creada ao tempo e ao tempo afeita.

E assim se foi fazendo homem o pequeno pescador, que vae já recolhendo o producto da sua pesca para a caldeirada que vae fazer com os seus companheiros.

OS ACONTECIMENTOS NO BRAZIL

A FORTALEZA DE VILLAGAIGNON E O COURAÇADO RIACHUELO

Acompanhando os acontecimentos que se estão dando no Brazil, publicamos hoje uma vista da fortaleza de Villagaignon a que já nos referimos a pag. 3 do presente volume.

Villagaignon, onde está o forte que arrasado por Mendes Sá, em 1560 foi reconstruido, em 1711, pelos portuguezes, tendo sido augmentadas as obras pelos governos do conde da Cunha e do Marquez de Lavradio, e ainda em 1863 por occasião do celebre conflicto Christie.

Esta fortaleza foi das que mais resistencia offerceu e produziu mais damno á esquadra insurrecta do almirante Custodio de Mello, até que em 12 de setembro do anno passado se declarou a favor dos revoltosos, não sem ter soffrido grandes estragos, apresentando um aspecto verdadeiramente desolador no estado de ruina em que se encontram as suas edificações.

Não obstante a ruina em que está, a sua arteheria continua a fazer estragos nas fortalezas fiéis ao governo, sendo a sua bateria dos coqueiros a que se acha em melhor estado de conservação.

O almirante Saldanha da Gama, em posse de quem está Villagaignon, tem ali o seu quartel general.

A outra gravura que publicamos n'este n.º relativa aos acontecimentos no Brazil, é o couraçado *Riachuelo*, um dos maiores couraçados que se tem construido e dos melhores da marinha brasileira.

O nome de *Riachuelo* commemora o combate naval occorrido nas aguas do rio Riachuelo, em 11 de junho de 1865, durante a guerra do Paraguay.

Este couraçado foi construido em Inglaterra, nos estaleiros do sr. Samula Irmão, de Londres, e o seu primeiro commandante foi o almirante Van Den Kolck, que o conduziu a Lisboa em outubro de 1884, onde esteve de visita logo que se concluiu.

Tem uma couraça d'aço de Siemens-Martin de 30 centimetros, alem da que reveste a coberta.

Em duas torres girantes tambem couraçadas, monta duas peças Asmotrong de 20 toneladas. Em esperiencias feitas com estas peças verificou-se que uma bala furou uma chapa de ferro Brown de 50 centimetros, uma barreira de areia de 3 metros de largura e um cylindro d'aço alma de uma peça de 100 toneladas. Completam o seu armamento 5 canhões torpedeiros de bronze e os tubos de ar comprimido d'aço, que lançam torpedos cuja velocidade é de 22:000 milhas por hora.

Tem mais 6 peças de 6 toneladas, calibre 5,75 e 18 metralhadoras.

Em combate uma couraça d'aço protege a coberta e todas as escotilhas, ficando a tripulação recolhida, fazendo-se então fogo das torres.

Para isto tem um completo systema de ventilação que leva o ar ao interior do navio.

É illuminado a luz electrica por 285 lampadas de Swan e 2 grandes focos de luz, alem de 2 busca-torpedos ou focos que illuminam a uma distancia de 3 milhas.

As machinas que funcionam a bordo elevam-se a 44, podendo se considerar o *Riachuelo* um

navio modelo, dos mais perfeitos em construcção naval. O *Riachuelo* está actualmente em Toulon, onde veio fazer reparações e vai partir para o Brazil onde se incorporará na esquadra do governo.

DOIS MAESTROS

Acaba a Hespanha de perder, com pequena differença de dias, os seus dois mais notaveis maestros, Francisco Asenjo Barbieri e Emilio Arrieta.

Barbieri, o grande maestro hespanhol foi — podemos dizer — o fundador da zarzuela e como nenhum outro foi mais original e tanto que na musica, como na litteratura que tambem cultivava, se affastou mais que todos os outros da imitação italiana.

Nasceu, Barbieri, em Madrid em agosto de 1823. Começou a sua honrosa carreira por simples musico militar, alistando-se como primeiro clarinete no 5.º batalhão da milicia nacional com o vencimento de cerca de sete vintens por dia!

Mais tarde achamol-o corista, *partiquino* de opera italiana chegando a cantar em Pamplona a parte de D. Bazilio no *Barbeiro de Sevilha* com grandes applausos. Depois com estudo porfiado, foi alcançando com as suas composições todas as honras e a elevada posição que occupava no seu paiz, como artista unico d'uma individualidade tão característica.

Deve a arte hespanhola grandes serviços a Barbieri, deu á musica nacional formas definidas e desde 1851 que com a representação da sua zarzuela *Jugar com fogo*, conquistou os fóros de compositor celebre.

Contudo a sua primeira obra foi em 1849 a *Gloria y Peluca*.

Escreveu um numero infinito de zarzuelas e todas grandemente applaudidas. As principais são as seguintes:

Gracias a Dios que está puesta la mesa, El Marqués de Caravaca, Galanteos en Venecia, Los diamantes de la corona, El Visconde, El sargento Federico, Los dos ciegos, Um caballero particular, Entre mi mujer e el negro, Pan y toros, Robison, El hombre es débil, Los comediantes de antaño, Chorizos y polacos e El Barberillo de Lavapiés.

Barbieri era socio da Real Academia de Bellas Artes de S. Fernando de Madrid e possuía as grã-cruzes de Isabel a catholica e Maria Victoria e a commenda de Carlos III.

Asenjo Barbieri, esteve em Lisboa em 1879, e aqui dirigiu alguns concertos. Por essa occasião disse no OCCIDENTE o sr. Ruy da Camara:

«Desde hoje, Barbieri, aos seus titulos pode juntar um outro.

Foi elle quem introduziu em Portugal o gosto pela musica classica. O primeiro concerto realisado no salão da Trindade em 6 do corrente (abril) sob a direcção do notavel maestro foi uma revelação, foi um assombro. Em quatorze ensaios miluciosos, aturados, pacientes, Barbieri fizera d'uma orchebra portugueza, d'uma orchebra afeita, quando muito aos acompanhamentos da opera italiana, uma grande orchebra interprete da obra assombrosa de Beethoven!

O publico que enchia a sala ficou absorto, e quando concluiu aquelle estupendo final da grande *Symphonia em dó menor* do grande e incomensuravel compositor allemão, a sala em peso, subjugada, opprimida, arrebatada pelo poder do genio com que pela primeira vez communicava por intervenção de Barbieri, fez ao celebre compositor hespanhol a ovação mais expontanea e mais estrepitosa ha muitos annos se tem ouvido em Portugal.

Fallemos, agora do outro notavel maestro que a Hespanha acaba de perder: — D. Emilio Arrieta, director da *Escuela Nacional de Musica y Declamacion*. Assim como Barbieri, o maestro Arrieta, era um dos musicos hespanhoes mais celebres; Nasceu em *Puente la Reina* (Navarra), em 1823, começando em Hespanha os seus estudos de musica, passou, em 1838, á Italia completando-os no Conservatorio de Milão. Ahi ganhou o primeiro premio de composição e escreveu a sua primeira opera, a que intitulo *Ildegonda*, a qual se cantou em Italia e no theatro particular que a rainha Isabel, tinha em Madrid; sendo então nomeado por ella, maestro e compositor do referido theatro escreveu a sua grande opera a *Conquista de Granada*.

Desde então dedicou se á zarzuela, genero novo em que ia sobrehahindo Barbieri, e das muitas que compoz, algumas são conhecidissimas, por exemplo: *El Dominó azul, El Grumete, Llamada e tropa, Um sarão y una soirée, La Guerra Santa* e sobre todes ellas, a *Marina*, zarzuela tão popular que

lhe sobreviveu e que promette viver por muito tempo. Agradou tanto em toda a parte que decerto é a zarzuela que tem tido maior numero de representações.

Foi tambem Arrieta, como Barbieri bastante inclinado para as lettras. Pertenceu á redacção do *El Padre Cobos* e á de outros jornaes d'aquella epoca, conservando se porém, sempre, pouco interessado com a politica.

Era director da *Escuela Nacional de Musica y Declamacion*, desde 1868. Fôra agraciado com a gran-cruz de Isabel a Catholica, era vice presidente do conselho de instrucção publica e membro da Academia de Bellas artes de San Fernando, em Madrid.

A sua morte foi muito sentida e o seu enterro bastante significou esse sentimento.

A conducção do cadaver foi uma manifestação imponente, pois que o acompanhou uma enorme multidão de admiradores.

Pouco antes do meio dia sahio a funebre comitiva do domicilio do finado. Abria o triste cortejo o clero de Santiago, com cantores e cruz alçada, de ambos lados do coche iam, com brandões accesos o pessoal da Escola, do Theatro Real, etc. Presidia ao cortejo o director da instrucção publica Mr. Vicenti, auxiliado pelo distincto poeta sr. Nuñez de Arce.

As chegar á *Escuela de Musica* parou o interro para que os professores e alumnos collocassem sobre a urna funeraria formosas corôas, ao mesmo tempo que as alumnas que occupavam as janellas do edificio, atiravam flores, violetas e ramos de loiro.

E assim desceraam ao tumulo dois grandes maestros hespanhoes, cheios de gloria e cobertos de flores.

E. P.

DOIS SONETOS

No me mueve, Senhor, para quererte el cielo, que me tienes prometido, ni me mueve el infierno tan temido, para dejar con esso de temerte.

Muevesme tu, mi Dios, muevesme verte afrontado en la Cruz y escarnejado, muevesme el ver tu pecho tan herido, muevemme las afrontas de tu muerte.

Muevesme tu, mi Dios, de tal manera, que si no hubiera Cielo, yo te amara, y si no hubiera Infierno, yo te temera.

No tienes que me dar, porque te quiera, porque si lo que espero no esperara, lo mismo que te quiero, te quisera.

(Atribuido a S. Francisco Xavier).

Con tiempo passa el año, mes y hora; con tiempo passa el mando y la riqueza; con tiempo passa honor e fortaleza; con tiempo la belleza si desdora:

Con tiempo el alegre gime y llora; con tiempo quita el bien naturaleza; con tiempo pierde el arbol la cortesa; con tiempo el que és servido a otro adora;

Con tiempo no da luz clara la luna; con tiempo el cielo de color se esmalta; con tiempo el duro yelo és agoa clara:

Con tiempo en todas cosas ay fortuna; con tiempo pierde el sol su curso, y falta; con tiempo solo en mi nunca amor pára,

D. Helena de Tavora.

LENDA DE IGNEZ DE CASTRO

(CARTA FAMILIAR)

(Continuado do numero 543)

E devemos de caminho notar o que n'esta traducção brasileira observa com delicadissimo gos.

Estas duas jolas litterarias foram copiadas pelo nosso illustre amigo e dedicado collaborador sr. Zephyrino Brandão, no Museu Britânico de Londres, de um manuscrito pertencente a este notavel archivo, e pelo mesmo cavalheiro offerecidas ao OCCIDENTE.

to o nosso Cardoso Borges em quanto á docura que se encontra na pronuncia da liquida — I —: *o collo inclina a languida papoia; molle, violeta, ou languido jacintho; reflexos da lição virgiliana: est mollis flamma medullas; mollia luteola pingit vaccinia caltha* — E estas delicadezas não os esquecia CAMÕES, como se vê, por exemplo, na *Eclo-ga 1.ª*

O collo inclina languido e cançado.

Nos nossos dois latinistas são excellentes as imitações d'esta estancia dos LUSIADAS. O sr. Sancta Clara accumula e condensa os thesouros opimos do mantuano; o sr. Viale cinge-se correcto e agradável ao seu modelo:

.....*uliam tandem
Tam pulchram faciem jam deseruere rosaeque:
Pristinus ille color fugit cum lumme vitae;*

diz o segundo, e o primeiro exprime-se assim:

*Haud aliter suffusa genas pallore puella
Virg. E. 1—232*

*Labitur exsanguis, labuntur frigida letho
Virg. E. 21—818*

Lumina, purpureus quondam color ora reliquit.

IV

Para que remate a tarefa que me impoz, careço, amigo Annibal, de dizer lhe ainda duas palavras sobre os dramas de Ignez de Castro, o qual assumpto não foi menos feliz n'este genero do que nos outros, porque tomou da tragedia antiga imitações que afamaram a scena portugueza, contando desde Antonio Ferreira até Julio de Castilho, tragicos insignes que pela sua poesia illustram as nossas lettras. Houve apenas uma falta, sómente uma mas grande, e podemos dizer que irremediavel, não ter sido tractado por Garrett, como este tanto promettera.

E lembrando Garrett e o seu theatro, lembrame Victor Hugo, não por affinidade entre os dois dramaturgos, pois as suas escholae são diversas, mas pelo que o poeta francez conta do Lucrecio e do seu poema *De rerum natura*. Abriu elle o livro e leu; engolphou-se na leitura e submergiu-se no poema como n'um abysmo... Ao jantar não teve fome e ao pôr do sol ainda lia. Hugo era rapaz e frequentava o latim; tinham-lhe os mestres prohibido o livro, porém filho de Eva, seduziu-o a curiosidade e comeu do fructo que lhe prohibiam.

Dá se n'este facto uma especie de metempsychose, uma transmigração do espirito, trivialissima na arte. Um homem, ha largos annos defuncto, ou antes uma sombra que se alevanta do seio profundo do passado, que passa aavez dos seculos como um sopro, subjuga-nos a phantasia e immerge nos na meditação! E' o que nos acontece tambem com a leitura do Garrett quer nos seus dramas como no *Auto de Gil Vicente* ou no *Frei Luiz de Sousa*, quer nos seus poemas como na *Dona Branca* ou no *Camões*.

E chegando a este nome, não posso deixar em silencio a apreciação do *episodio Ignez de Castro*, que vem n'este ultimo poema, e do qual Garrett diz:

As nações do universo, que escutaram
As endeixas do vate, as vão cantando;
E do barbaro Neva ao culto Sena,
Desde o Thamesis frio ao Pado ar-lente
Os lamentos de Ignez repete a lyra. ¹

(Continúa).

A. A. de Fonseca Pinto.

O TORNADIÇO

Romance historico

PELO

MORG. DE FORTINHÃES

V

(Continuado do numero antecedente)

O padre Lopo, apenas chegou a casa, fechou-se no seu quarto, e desabafou emfim o pensamento que n'aquelle instante perturbava todo o seu ser: — A' que maroto eu dei a minha sobrinha!

¹ Garrett, *Camões*, c. VII. 21.

E com o espirito inquieto sob aquella responsabilidade que de repente surgia a martyrisal-o, o padre combinava mentalmente planos confusos que, reparando o mal, absolvessem a culpa.

Entretanto, sem ligar importancia ás caturrices do tio, D. Balthazar seguia sempre todos os dias como de costume, para o seu retiro de amor.

Era perto de Ranhados, n'uma casinhola sem apparencia com velhas arvores de pomar, que punham sombras discretas n'um pequeno heido mal murado. D. Balthazar fizera alugar o, por pessoa de confiança, a um morgado de Lamego, dando como pretexto, a necessidade que tinha certa senhora affectada de molestia de peito, de uma casa de campo onde pudesse restaurar com o ambiente puro das serranias, os seus pulmões offendidos.

E quando ali surgiu a bella estatura da judia, seguida de uma aia e das escravas negras, ninguém duvidou de a supôr alguma grande senhora que por doença, por gosto excentrico ou por penitencia devota, vinha esconder-se, obscuramente, quasi sem nome, n'aquelle recanto de aldeia humilde.

D. Balthazar tinha encontrado a Gaya em Braga, em casa de um cone-



O MAESTRO D. EMILIO ARRIETA

FALLECIO EM 10 DE FEVEREIRO DE 1894

go da Sé, que a recolhera pequenina em Sevilha, e que então, segundo a voz do povo, lhe adoçava as soledades da vida na paz farta das boas prebendas.

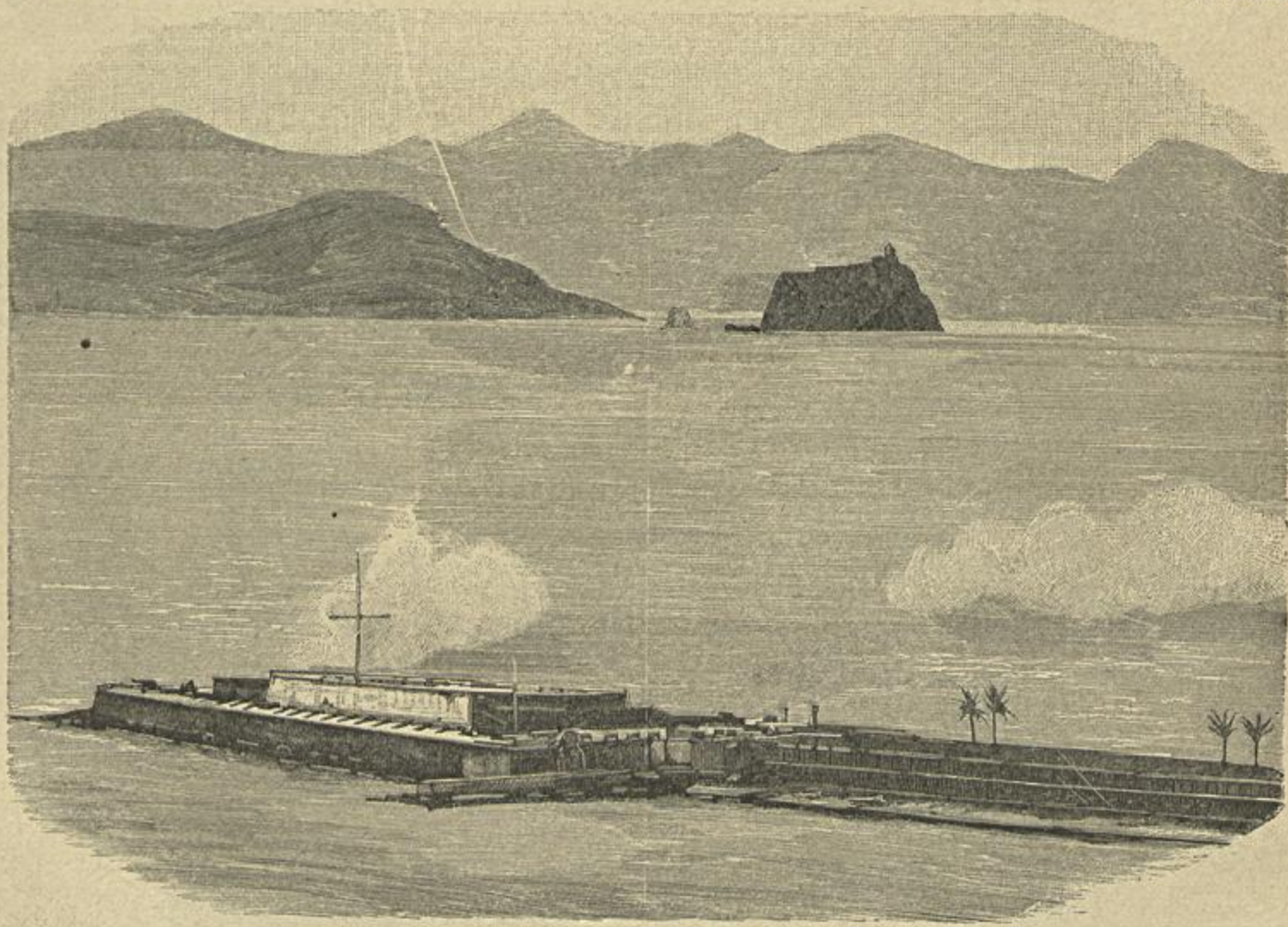
Se o povo era verdadeiro, ninguém sabia; o conego porem, sempre discreto, negava a pé firme qualquer insinuação em tal sentido.

D. Balthazar, ao ver a rapariga, não se deteve em largos planos de ataque. Comprou o auxilio de uma velha confidente que o conego pusera de atalaya á judia, e conseguiu isto, facil lhe foi a victoria contra o prebendado que já se lamentava do peso da gordura sobre os ossos rheumaticos.

Ao fim de alguns dias, conseguiu que a rapariga seguisse com elle para o Porto, onde a vestiu com ar de grande senhora. O conego, sabido o rapto, quiz arcabuzal-o e entregar a rapariga á Inquisição; e antegostava já a sua vingança tragica, quando uma apoplexia o matou a paramentar-se para a missa.

D. Balthazar recebeu a noticia em Silgueiros, no momento em que mais atarefado andava com a instalação da amante na casinhola de Ranhados, e com uma piedade supersticiosa, mandou secretamente dizer tres missas por alma do defuncto.

A judia foi mais forte;



OS ACONTECIMENTOS NO BRAZIL — A FORTALEZA DE VILLAGAIGNON

(Cópia de uma photographia)



O MAESTRO FRANCISCO ASENJO BARBIERI

FALLECIDO, EM MADRID, EM 18 DE FEVEREIRO DE 1894

quando D. Balthazar lhe deu a nova, apenas teve este commentario impiedoso.

— Deixal-o ir! Está vestido e calçado nas profundas dos infernos!

A Gaya trazia o espirito pouco polido das mãos do prebendado, mas D. Balthazar, comquanto o maguassem ás vezes os excessos da rapariga, sentia-se dia a dia mais prezo n'esse amor perigoso onde havia a attrahil o a acre volupia de lutar contra a dupla prohibição dos seus deveres de marido e de christão — que ambas estas duas opposições levantava a seus olhos o concubinato judaico.

O seu espirito intelligente e vivo, reagindo um pouco contra as crendices religiosas em que fôra educado, deixava-se ainda impressionar por um arripio de diabolismo todas as vezes que aquella paixão tomava mais absorventemente os seus pensamentos e sensações. E não raro tinha visagens de precito que se abandona ao destino, quando algum dia basso ensombrava os horisontes e um spleen de sociedade enchia de fel o seu peito subitamente desolado, n'algum regresso ao lar.

E todavia esse vago terror supersticioso com que elle olhava a Gaya, era talvez o principal incentivo da sua paixão; aquella deliciosa mulher que palpitava nos seus braços, apparecia-lhe aos olhos n'uma confuza dualidade infernal e divina, atterrando e attrahindo o como o boqueirão de um abysmo.

Uma tarde que elle veio mais cedo do que o costume, surpreendeu um vulto de homem que se escapulia cautelosamente por uma porta meio condemnada que havia no quintal da amante.

Correu em perseguição do fugitivo, mas nada descobriu. Chegou a cima perguntou:

— Quem era um homem que sahio de aqui agora mesmo?

A Gaya, apanhada de surpresa, impallideceu ligeiramente e balbuciou:

— Um homem?!...

— Sim, um homem que fugiu pela porta da cangosta, quando eu entrava.

— Não sei quem fosse!... Talvez algum amorico das creadas...

— Hum...

D. Balthazar atirou-se para um sophá, n'um silencio casmurro e amuado, respondendo ás caricias da judia com repellões brutaes que a maguavam. Afinal, ao cabo de alguns minutos, sacudiu bruscamente a amante e encaminhou-se para a porta.

— Onde vaes? — perguntou a Gaya, perseguindo-o.

Elle não respondeu, e ia a sahir mas ella prendeu-o tenazmente:

— Onde vaes tu, dize-me! — e olhou-o bem de frente com os seus grandes olhos de um verde avelludado e humido.

— Vou lá abaixo.

— Para quê?

— Para saber qual das tuas servas é que traz o coração em nupcias — disse elle, com zombeteria.

A judia puxou-o outra vez para dentro da sala:

— Não faças loucuras. Ouve, anda cá.

E depois, cerrando cautellosamente a porta, acrescentou de chofre:

— Conheces um tal Vicente Mesquita, que mora lá p'ra Silgueiros, perto da tua casa?

— Sim, e então?

— Pois o homem que viste, é creado d'elle.

— Do Mequista?... Mas então... E que te queria elle?

— Escuta. Eu não te queria dizer nada, com medo de que tu fizesses por ahí alguma... Mas ha duas semanas, quando eu fui a Vizeu, encontrei o tal figurão, e encontro foi elle que nunca mais me vi livre do homem. Todos os dias, elle por uma vez e o creado por outra, nunca me deixam a porta! E são promessas de isto, promessas de aquillo, um nunca acabar!... Diz que está apaixonado, que não pode viver sem mim...

D. Balthazar, sem pronunciar palavra, passeava agitadamente pela sala, e ouvia tudo fixando de quando em quando a Gaya com um olhar penetrante e indagador.

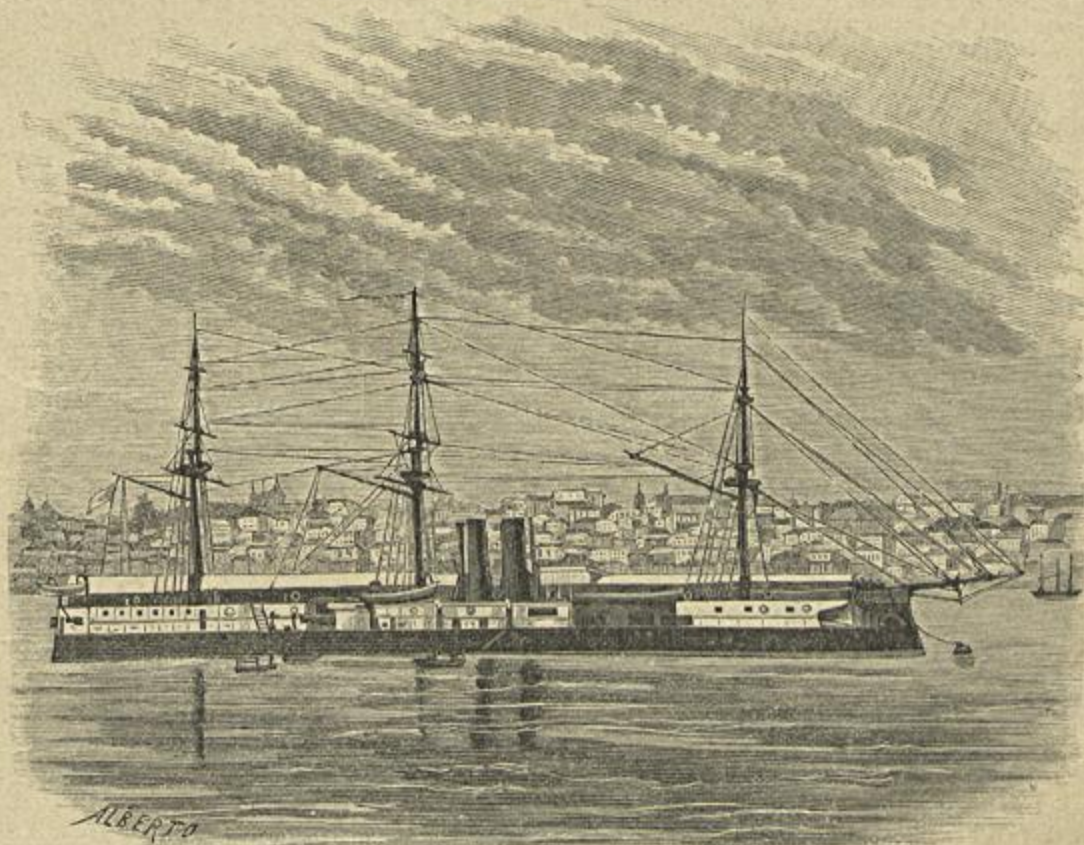
— Hoje, — continuou ella — mandou-me elle dizer pelo creado que tu viste fugir, que me dava um palacio e me cobria de joyas se eu fugisse com elle p'ra não sei que terra...

— Escusas de fugir; podes ir quando quizeres, — atalhou D. Balthazar com serenidade nervosa.

— Dizes isso de uma maneira... Nem que eu pretendesse alguma coisa do homem!

— Parece.

— Ah parece?... Pois deixa estar, que então ainda ha de parecer melhor!



OS ACONTECIMENTOS NO BRAZIL — O COURAÇADO RIACHUELO

D. Balthazar não se conteve; assentou-lhe uma bofetada.

— Tu bates-me?! — exclamou ella, tranzida.

— Bato-te, sim; e a elle hei-de quebrar-lhe a cabeça na primeira occasião em que o encontrar!

E abalou furiosamente, batendo a porta.

A judia, ficando só, toda exaltada por uma commoção subita, começou impetuosamente a entrar roupas, joias, tudo o que tinha de mais precioso, resmungando ameaças, más palavras, e gritando ás creadas ordens precipitadas que punham toda a casa em alvoroço.

A meio da sua fúria, a porta abriu-se violentamente e D. Balthazar entrando de novo, murmurou, cacarejando uma gargalhada nervosa:

— Bravo! Sua senhoria va de viagem?

A Gaya, imóvel e branca, ficou a olhal-o com um vago ar de revolta no rosto contrahido.

— Não ouves? — tornou o fidalgo, rudemente.

— O que?

— Pergunto se vaes de viagem.

— E' como vês! — disse ella afoitamente.

D. Balthazar deu um pontapé n'uma pequena arca de xarvão que primeiro encontrou, e agarrando com força o braço da amante, rugiu-lhe ao ouvido em voz rápida e penetrante:

— Ouve: se saes de aqui, seja para onde for, mato-te, juro que te mato.

Ella, vencida e tremula cahiu sobre um tamborete, a soluçar.

— Mas que fiz eu, que te fiz eu?

— Ainda o perguntas?

— Mas não te disse e: já que me não importava com o homem? Se me importasse, não te dizia nada!

— Então para que lhe recebes os recadinhos?

— E' porque elle te ma; que eu, logo da primeira vez, o mandei tractar de outra vida!... Mas o homem é teimoso como um vêgueiro, e tanto faz eu mandal-o embora como não. Até já começava a achar-lhe graça... Aquillo só p'ra riso! O espantallo do homem! nem que aquella cara de fuinha fosse capaz de apaixonar alguém. Má peste o levasse, já que tanto me havia de impedir!

A physionomia de D. Balthazar ia-se illuminando gradualmente, visivelmente. A judia pelo silencio favoravel que acolhia as suas palavras, continuava a fallar, pondo em relevo os seus brios de amante fiel, ali enterrada n'aquella aldeola de homizio, por causa do seu amor...

E tão bem soube conduzir a sua defeza, tantos argumentos accumulou, tantos factos e factos passados suggeriu, que D. Balthazar, vencido, terminou por lhe pedir perdão, demorando-se pela primeira vez até á noite na casinhola de Ranhados.

Entretanto, desde aquelle dia, ainda com um resto de desconfiança, fez postar secretamente um espião juncto do seu ninho de amor, com ordem de o avisar á primeira visita suspeita que apparecesse.

Todavia o mez de dezembro tinha chegado, e os echos da revolução tentada em Lisboa a favor do duque de Bragança, chegaram por fim a Vizeu e toda a cidade rejubilou quando no dia 17, uma carta do novo rei D. João VI, confirmou o boato da independência de Portugal.

A população de Vizeu, que os Philippes tanto tinham opprimido pelo auxilio declarado que ella em 1580 dera ao Prior do Crato, dilatou-se toda em delirios de regosijo. Por toda a parte havia acclamações; os sinos repicavam n'uma alleluia ensurdecadora; e por fim os vereadores camararios para darem um caracter mais solemnne ás festas, resolveram em patriótico conclave, ordenar o seguinte programma:

1.º — Que todos os habitantes da cidade, illuminassem as janellas das suas casas durante tres noites.

2.º — Que a nobreza fizesse, por espaço de oito dias, torneios e justas e todas as festas de cavallaria.

3.º — Que se organisassem corridas de touros danças, chacotas, pélas e toda a casta de regosijos.

O quarto e ultimo artigo d'este succulento programma, decretava que ao cabo dos festejos se participasse ao novo rei, aquellas manifestações.

Pode, por isto; imaginar-se o estado de agitação que subitamente convulsionou a velha capital beirã. Todavia, a solemnidade de mais pittoresco, foi uma procissão organizada e combinada nos claustros da Sé, e entre a nobreza, o cabido, o corregedor e a camara e para a qual todos os mechanicos tiveram ordem de concorrer com as suas bandeiras de officio, os seus tambores, charamellas, trombetas e com a maxima boa-vontade, sob a pena expressa de 30 dias de calabouço.

Esta procissão, foi combinada á maneira da que era costume fazer-se por occasião do *Corpus Christi*, e que explendeu no domingo 24 de dezembro, com todo este apparato.

Na vanguarda, abrindo caminho com o som aggressivo das trombetas e charamellas, rompia uma dezena de homens seguidos por um alegre rancho de raparigas, que cantavam e dansavam, requebrando-se com uma graça dextra de acrobacias de circo. Chamavam a isto, *folias*. Em seguida, appareciam as *chacotas*, com dansas tambem acompanhadas de garganteios e musicas jocosas, que o povo leu applaudia, hilariado e feliz. Depois, era a vez das *pélas* que um historiador viziense da primeira metade d'este seculo, ¹ explica d'esta maneira: «notavel dança que se compunha de meninos levados nos hombros de outrem, onde se contorneavam com varias mimicas extravagantes.»

S. Jorge surgia por fim, empenachado e couraçado, á frente de uma numerosa cavalgada flamejante de jaezes heraldicos; depois as bandeiras dos officios mechanicos exhibindo em pinturas mais ou menos phantasistas, as imagens dos seus santos padroeiros, destacando-se, entre ellas, a dos sapateiros, onde S. Chripim erguia com altivez de sceptro uma enorme sovela curva, enquanto que, ao lado, o irmão S. Chripiniano parecia querer contrapor á gloria da sovela, o seu bizegre que, pelo brilho que irradiava, parecia ter polido as sollas de trinta gerações de sapatos inglezes.

Retaguardava e fechava a secção das bandeiras, mais afastada e com o *mantien* condigno entre dois fidalgos a cavallo, o alferes da Camara, alçando o pavilhão nacional. Depois d'este personagem, a procissão tomava um caracter mais grave; e as confrarias começaram a disillar solemnemente, acompanhadas dos capuchos de S. Francisco de Orgens, do cabido, e por fim do pallio que seis fidalgos conduziã.

Todo este movimento patriótico, evocou por instantes em D. Balthazar de Lara os esquecidos entusiasmos politicos. Installou a familia, por convite dos donos, na bella casa manuelina dos Ortiz de Vilhegas, e fez conduzir a Gaya, escoltada por dois criados de confiança, para uma estalagem de que tinha alojado quasi todos os aposentos.

Tudo assim disposto, D. Balthazar deu largas ao seu temperamento exaltado; e na noite d'aquelle domingo da procissão, disfarçando se, meteu-se esturdidamente por entre os cavalleiros das *encamiçadas*, manejando fustes, n'uns torneios que só a exaltação do regosijo patriótico podia tolerar.

N'uma d'estas brigas heroicas, certo campeão que zigzagueava estonteado sobre um magnifico cavallo baio, alçando aggressivamente o seu fuste de lado adverso a D. Balthazar, bradou para os que o cercavam, investindo contra o fidalgo,

— A elle, que é judeu!

D. Balthazar preocupado em ganhar boa defeza para a valente pancada que lhe dirigiam, quasi nem teve tempo de reflectir na exclamação.

Mas o outro repetiu.

— A elle, rapazes, a elle que é judeu! Lembrae-vos do que disse hoje na Sé o conego Castello Branco. Hereje é tão ruim como castelhano!

D. Balthazar estremeceu violentamente, e sob o bioco do seu disfarce, uma onda de sangue abraçou-lhe o rosto e fel-o ranger os dentes com raiva.

— Ah! és tu villanaz! Escolheste boa hora!

Reconhecera, quasi advinhára a voz de Vicente Mesquita; e com um movimento rapido e inapercebido, assentou-lhe uma paulada no alto da cabeça. O outro ainda levantou o seu fuste precipitadamente, em defeza, mas de pouco lhe valeu porque o pau de D. Balthazar, resvalando, cahiu-lhe pesadamente sobre o hombro esquerdo e fel-o oscillar sobre o cavallo que caracolava, impaciente.

Alguns cavalleiros que por ali volteavam, divertindo-se, á vista de aquelle singular combate, intervieram ensarilhando com rópia os fustes e as cannas; e pouco depois, tudo se confundia n'um tumulto geral, que o povo gozava batendo palmas, esquecido do frio penetrantissimo d'aq'ella noite de dezembro.

Era já noite alta, quando D. Balthazar ainda embiocado e travestido, batia á porta dos aposentos da judia.

Ella acolheu-o, alvoraçada.

— Que é? A estas horas?

— Venho só dizer-te uma coisa.

— O quê?

— Que o encontrei!

— A quem, ao tal Mesquita?

— Oh! oh! adivinhaste logo!

— Pudéra! Pois se tu não me fallas em outra

coisa ha tres semanas, senão nas costellas do Mesquita!.. E então, dêste-lhe cabo da casta?

— Já tanto, não sei; mas que o levaram em braços isso foi certo! Bem o vi ir! O maldito achou que tinha guardião, porque quando elle cahiu, um perro d'um barbaçudo que se sumiu logo, ferrou-me aqui uma varada que deve ter que ver!

E aproximando-se do candelabro de azeite que a judia tinha collocado sobre uma papelleira, arrancou o gibão e desnudou o antebraço onde uma larga mancha arroxeadá se alastrava denunciando a aggressão.

— Que tal, hein? — disse elle exhibindo a pisadura com um meio riso. — O vilão deu com gana!

— O malvado!... Espera, não vistas o gibão... — e a Gaya apalpava se, como procurando alguma coisa.

E antes que D. Balthazar pudesse inquirir o que significavam aquelles movimentos, ella appareceu-lhe armada de um pequeno canivete de tartaruga, cuja lamina curva brilhava.

— Que queres fazer?

— Vou-te sarjar o braço; pois tu não vês que esse sangue está ahi preso como betume? Amanhã tinhas mas era o braço podre! Olha o arranjo!...

— Isso é que não! — fez elle recuando vivamente.

— Porquê?

— Porque não. Tu não sabes que as mancebas só com a sua presença fazem agravar as feridas, mesmo quando ellas estão quasi saradas?!

A judia dilatou a face n'uma bella gargalhada:

— Ah! ah! Então bem podes fugir! Não sei p'ra que vieste!... Olha, olha, até parece que inchou mais desde que eu lhe puz a vista! — galhofou ella.

— Não digas tanto... — tornou D. Balthazar, abalado. — Mas emfim, isso de pôr as mãos n'uma pessoa...

— Estás tonto! Já o mesmo dizia o conego de Braga, uma vez que cahiu na escadaria da Sé; e afinal, se não sou eu, lá o levava o demonio com uma chaga que fez na canella direita. Curei-lh'a em menos de um mez!

— Pois tu tambem sabes de essas coisas?

— A gente aprende tudo. Minha mãe, que esses malvados frades hespanhoes queimaram em Sevilha, quando eu era pequenina, ensinava-me a curar muitas molestias... Dizia-me que tudo isso me havia de ser preciso, por causa de esses cães da Inquisição... Vá, chega cá o braço.

D. Balthazar, duvidando ainda, um pouco tremulo, consentiu afinal, e a operação correu mansamente. A Gaya era dextra, e com as suas mãos delicadas de mulher, conduziu todo o trabalho com uma pericia de velha enfermeira; ligou-lhe o braço com faxas de linho, vestiu-lhe o gibão e mostrando os seus bellos dentes n'um riso vencedor e amoroso, disse:

— Prompto! Então agravei ou desagrovei, senhor teme-tudo?

D. Balthazar que já experimentava os beneficios do curativo, beijou a enternecido, lançando ao vento o preconceito; e n'aquelle fluxo de gratidão que o invadiu subitamente, teve necessidade de evocar os seus velhos entusiasmos, de Clarimundo galante:

— Por minha vida! és uma mulher como não ha outra! Não, sempre te digo, como tu, nem a formosa Floripes! Não ha principe que te valha; a verdade é a verdade!

E com um ultimo beijo, sahiu para casa dos Ortiz de Vilhegas, onde a familia já começava a inquietar-se com a sua extranha demora.

(Continúa)

OS MEUS LIVROS

XXVI

Já recebemos, ha mais tempo do que o preciso para lermos e darmos conta aos nossos leitores da existencia de novas publicações, e hoje accusamos as seguintes obras:

¹ Esta crendice era vulgar, mesmo nos principios de este seculo Curvo Semedo, na sua *Polygonia Medica*, ainda tem sobre este assumpto, as seguintes curiosas palavras: *Estimarey que me digão os que negam as virtudes occultas porque as feridas estando quasi boas se empeyorão e renovão se alguma amiga manceba digo do doente, entrou a visitallo, como eu vi morrer a hum homem que estava quasi são porque o visitou a sua manceba.* Pag. 541. § 37.

¹ O conego José de Oliveira Berardo.

— *Thomaz Blanc* traços biographicos pelo distincto escriptor e academico Ramos Coelho;
— *A Medalha a João de Deus*. Relatorio e contas por Joaquim de Araujo, academico e escriptor;
— *Caderno auxiliar das Noções praticas de tachygraphia* por J. Fraga Pery de Linde;
— e de Clarisse Juranville *O primeiro livro das creanças*.

Da acreditada casa Guillard, Aillaud & C.^a com séde em Paris, no boulevard Montparnase n.º 196 e sucursal em Lisboa na rua do Ouro n.º 242, — são: *O caderno auxiliar* e o *Primeiro livro das creanças*.

E' escusado encarecer as correctas e interessantes obras da casa Guillard, Aillaud & C.^a que sempre tem aliado á modicidade dos preços uma escolha acertada de originaes em edições quasi lusoas.

Thomaz Blanc é o formoso estudo de esse religioso francez, tão amigo dos portuguezes, que foi soldado aguerrido e depois sacerdote exemplar sendo ao mesmo tempo um dos mais notaveis escriptores da França.

Os traços biographicos do reverendo Thomaz Blanc já em este periodico foram publicados n'uma serie de artigos firmados pelo seu auctor o illustrado academico e nosso amigo sr. Ramos Coelho.

Não precisando de encomios, um trabalho esculpado em nome tão illustre nas letras como é o de Ramos Coelho e, não sendo, para os que n'este momento nos lêem, necessaria a elucidação de trabalho tão conhecido e justamente apreciado, limitamo-nos a agradecer mais uma valiosa dadiva do auctor brilhante do *Infante D. Duarte*.

A medalha a João de Deus é um folheto de quinze paginas onde o seu auctor Joaquim de Araujo descreve e documenta as razões da demora da cunhagem, apparição e entrega da *medalha João de Deus*.

Agradecemos a Joaquim de Araujo a dedicatória do seu folheto, accrescentando que para nós, não eram necessarias explicações.

Um bom serviço ao publico está prestando a casa editora Guillard, Aillaud & C.^a com a publicação dos seus *manuaes*.

Temos agora o *Manual do carpinteiro* sobre a nossa banca de trabalho.

A forma pratica, orientada, com que ali, o aprendiz estudioso, se habilita, sem mestre, a conhecer a arte, a interessar-se por ella até querer saber praticamente, é completa e nada deixa a desejar.

Primeiro o conhecimento das madeiras, sua estrutura, modo de a aproveitar e seu peso especifico; em seguida a nomenclatura das suas diversas qualidades; temos depois a descripção dos utensilios de trabalho; ferramenta e modo de a conservar; medida e delineação de qualquer obra, sobrados, escadas, madeiramentos, portas, moveis, marchetaria, polimento, envernizamento, enceradura, etc.

O mais ignorante fica, pelo menos, sabendo falar com o operario e sendo entendido por elle, o que muito decide do bom ou mau andamento de uma obra.

O livro tem mais de 500 paginas e é acompanhado de um mappa de pesos de padrões da camara municipal de Lisboa, comparados com os do systema metrico.

E' um bom elucidario que custa apenas 800.

Enviaram-nos o primeiro fasciculo de uma obra do nosso amigo Ferreira Deusdado que sob o titulo de *Chorographia de Portugal*, vem satisfazer os mais exigentes.

Deve ser obra de vulto, e logo que a tenhamos completa. — apenas recebemos o primeiro fasciculo — d'ella fallaremos largamente. A edição é da casa Guillard, Aillaud & C.^a

Da mesma casa editora nos foi igualmente enviado um exemplar da *Agenda formulario* de que é auctor o sr. Augusto Cesar da Costa Goes pharmaceutico da Universidade de Coimbra.

Vae já no segundo anno esta *Agenda* que, na verdade, contém interessantes e uteis indicações theoreticas e praticas acerca de novos medicamentos e formas de tratamento dos doentes.

E' um livro de mais de duzentas paginas, custando apenas 500 reis, quando encadernada a pelle e com as letras da capa em ouro.

MANOEL BARRADAS.



REVISTA POLITICA

Emquanto no ceu da patria se acastellam nuvens supradas pelo vento de alem dos Pyrineus, e o sr. Madeira Pinto parte para Paris a explicar aos credores da Companhia dos Caminhos de Ferro, um convenio que elles não querem entender, parte para as festas Henriquinas do Porto, o chefe do Estado com o seu governo e com elle uma boa parte da população do paiz, acotovelandose nas estações dos caminhos de ferro, para alcançar logar nos comboios.

Singular contraste o d'estas partidas: a dos que vão para a festa e a dos que vão tratar com os credores estrangeiros.

Não percebemos lá muito bem este fazer de festas ruidosas, em que se disputam camarotes para a recita de gala a sessenta libras e logares de plateia a seis, com os credores á porta a gritarem pelos seus creditos.

Achamos extraordinario este proceder, e quanto elle vae distanciado dos tempos em que os portuguezes davam as suas barbas de penhor aos empréstimos que contrahiam.

Mas isto são velharias dos tempos idos, que não tem nada que ver com estes tempos em que caminhamos para o communnismo pratico.

Deixemos, pois, estas coisas tristes e alegrem'os-nos tambem com as festas que a estas horas se estão celebrando na Cidade Invicta.

Dêmos sueto ás coisas politicas, para fazer a vontade a alguns jornaes da situação que assim o alvitram, e nem discutiremos sequer a oportunidade d'esta festa, feita em honra do Infante D. Henrique, no momento em que a nação se vê assoberbada com tantas difficuldades financeiras.

Não, não diremos que a occasião foi inopportuna, porque isso seria desagradavel aos que estão gosando a festa, e aos que pensam levantar a patria com foguetes.

Não diremos mesmo que melhor fôra que esse enorme patrimonio que o immortal Infante buscou para a sua patria, o tivéssemos sabido aproveitar para desafogadamente lhe entarmos agora hymnos festivos.

Não diremos quão grandes seriamos perante a sua memoria, se lhe tivéssemos secundado o esforço, conservando e engrandecendo tão valiosa herança.

Não diremos nenhuma d'estas coisas, que nos amesquinhamos diante do heroe de Ceuta, do iniciador das descobertas dos portuguezes, que votou a vida a engrandecer a sua patria, e tão grande a fez que ainda hoje vivemos d'essa grandeza, apesar de sermos tão pequenos.

Honrado Infante, d'essas mialhas que restam te fazem a festa, e já que vamos tão minguados em brios e cabedaeis aceita esses foguetes que estalam no ar em tua honra, que é o mais que te podemos ofertar.

Vá tudo em foguetes.

João Verdades.

NECROLOGIA

ANTONIO JOSÉ DE SEIXAS

A morte do sr. Antonio José de Seixas foi tão inesperada e subita quanto o illustre extincto era estimado e querido do commercio lisbonense.

O finado contava setenta e sete annos de idade, era um primoroso e eloquente orador e grandes serviços prestára nos elevados cargos de vereador da municipalidade de Lisboa, deputado ás côrtes, administrador e um dos fundadores do Banco Ultramarino vogal da Junta do Credito Publico, membro da Junta Consultiva do Ultramar, director de varios bancos e companhias e administrador da Companhia de Credito Predial.

No *Commercio de Portugal* e no *Jornal do Com-*

mercio, escreveu varios artigos, assignados com um S. e n'alguns d'elles occupou-se das questões colonias das quaes o senhor Antonio José de Seixas tinha um profundo conhecimento.



ANTONIO JOSÉ DE SEIXAS

FALLECIDO EM 19 DE FEVEREIRO DE 1894

O prestante cidadão falleceu subitamente no dia 19 de fevereiro do corrente anno, quando assistia no Banco Hypothecario, a uma sessão na qual fallava sobre a nossa Africa quando cahiu fulminado pela morte.

ANTONIO LOPES MENDES

Foi com verdadeiro sentimento que soubeamos a noticia da morte de Lopes Mendes, que havia poucos dias estivera na redacção do OCCIDENTE, onde vinha frequentes vezes.

A sua boa apparencia de saude, não fazia suspeitar uma morte tão breve, que deixou atonitos quantos conheciam e privavam com o notavel viajante portuguez.

Antonio Lopes Mendes era transmuntano, natural de Villa Real, terra a que elle queria desveladamente. Tinha 64 annos, bem conservados, n'uma constracção herculea, mais apta para os trabalhos do viajante do que para o enervamento da vida sedentaria.

Lopes Mendes tinha a paixão das viagens, que eram ao mesmo tempo uma necessidade do seu organismo.

Tendo concluido o seu curso de agricultura e veterenaria no Instituto Agricola, foi nomeado, em 1862, pelo então ministro da marinha José da Silva Mendes Leal, para varias commissões officiaes na India portugueza, partiu n'aquelle anno, e na India se conservou até 1871, percorrendo todo o nosso vasto imperio indiano, já tão reduzido.

Foi ali, que a par dos trabalhos officiaes de que fôra encarregado, colheu importantes subsidios para o seu livro *A India Portugueza*, obra dividida em dois volumes, profusamente illustrada com desenhos seus, dos monumentos, vistas e costumes d'aquelle paiz, e publicada, em 1886 pela Sociedade de Geographia de Lisboa.

Este livro é um verdadeiro padrão de gloria para Lopes Mendes.

Depois do seu regresso da India visitou o Busaco sobre que escreveu um livro illustrado com desenhos seus, e fez ontras viagens pelo paiz, até que, em 1882 partiu para o Brazil onde foi percorrer todo o vasto imperio americano, viagem que fez á sua custa.

Foi quasi de dois annos esta viagem, e n'ella colheu valiosos elementos para o seu livro *A America Austral*, de cuja publicação estava agora tratando, tendo já publicadas umas dez cartas no Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, de que a mesma fez uma edição em separado.

Uma d'essas cartas é dirigida ao auctor d'estas linhas, distincção de amizade que muito nos penhorou.

Além d'estes trabalhos litterarios outros ha dispersos em varias publicações como o *Archivo Pittoresco*, *Archivo Rural* e outros jornaes, e no OCCIDENTE que por muitas vezes honrou com a sua collaboração.

Sempre no desejo de ser util á sua patria, que elle estremecia como verdadeiro portuguez,

nunca recebeu subsidio para escrever as suas obras, dando-se por satisfeito em as ver publicadas e que ellas podessem utilizar ao seu paiz.

Lopes Mendes planeava agora fazer uma viagem aos Açores, onde tencionava tambem recolher bons subsidios para um livro sobre este archipelago, e onde com os seus pequenos albuns e apis iria desenhar prefusas illustrações para a sua nova obra.

A morte infelizmente colheu-o no meio d'estes seus planos, deixando na viuvez sua esposa dedicada e na orphandade um filho rachitico, cuja lucidez da intelligencia contrasta cruelmente com o rachitismo do corpo.

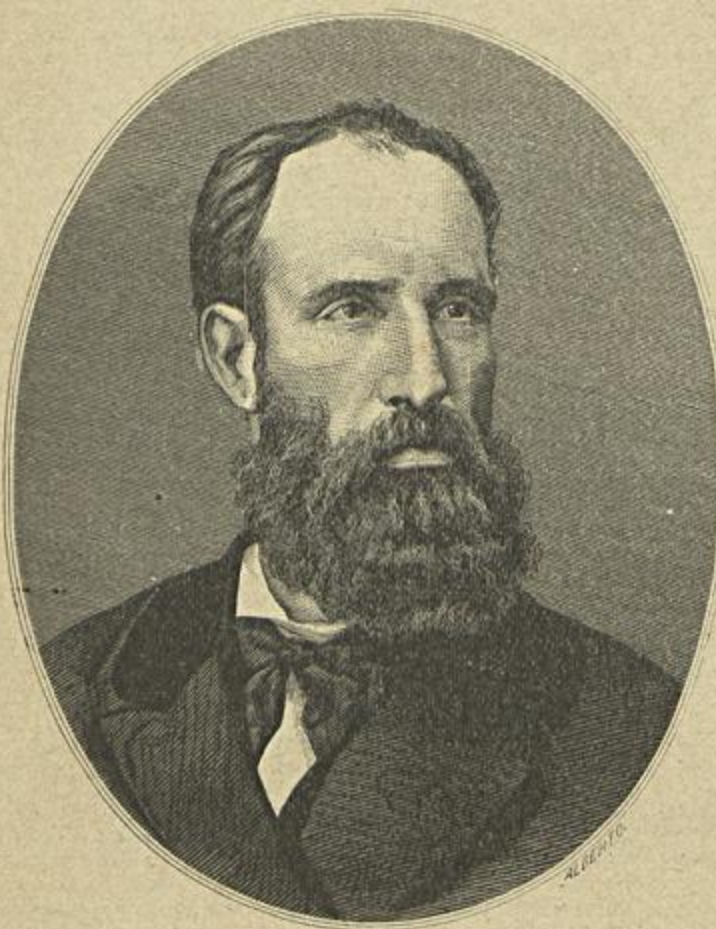
Receba a sua desconsolada viuva e seu filho a expressão sincera do nosso pesar por tão irremediavel perda.

C. A.

ANTONIO URBANO MONTEIRO DE CASTRO

Honrado e intelligente como se não pode ser mais, o illustrado jornalista Antonio Urbano Monteiro de Castro, foi sempre um pugnador extreme dos interesses portuguezes na Africa e para attestarem taes merecimentos se encontram bastantes provas. Nem um só momento descançou da ardua faina jornalística, publicando ora no *A Civilização da Africa Portuguesa*, *Cruzeiro do Sul*, *União Portuguesa*, ora no *Mercantil* artigos importantes referentes a assumptos colonias, artigos tão notaveis que muitos d'elles foram traduzidos em inglez e allemão.

Uma serie d'artigos publicados no *Cruzeiro do Sul* foram tão valiosos na defeza dos interesses do commercio do Dondo que lhe valeu



ANTONIO LOPES MENDES

FALLECIDO EM 21 DE JANEIRO DE 1894

que temos, todos os que compõem esta briosa corporação, em lhe testemunhar assim a maior veneração, ao civismo e independencia que ornão o caracter de inconcussa probidade de V. Ex.^a

Acceite V. Ex.^a os mais vivos protestos de sympathia e admiração de toda a corporação do commercio do Dondo, e dos

De V. Ex.^a

Muito attenciosos amigo

(a) *Sousa Lara & C.^{as}*

O sr. Monteiro de Castro nasceu em Lisboa a 26 de Julho de 1836, anno e dia celebres pela entrada do exercito libertador. Assim, elle foi um perfeito liberal, honrado e digno.

Aos dezenove annos, acompanhou seu pae a Loanda, em 1855, mas pouco depois regressou a capital matriculando-se na Escola Polytechnica.

Ficára, porém, com amor pela Africa, á qual devia dedicar por largos annos todo o seu trabalho. Voltou, pois, a Angola, em 1858 e em Loanda exerceu as funções de advogado de provisão com a proficiencia de um verdadeiro juriconsulto, pois que o seu conselho era o mais procurado, medindo competencias com os advogados de profissão.

Em Angola a sua influencia era grande e se evidenciou quando se propoz deputado.

Era, como dissemos, um escriptor de apreciaveis dotes e como poeta ha algumas poesias suas que são verdadeiros primores.

A noticia da sua morte foi recebida em Lisboa pelo irmão do fallecido, o nosso illustrado collega da *Tarde*, Urbano de Castro, no dia dos seus annos. Imagine se como a alegria se tornou em lucto!

CONDE DAS ALCAÇOVAS

Mais um illustre extinto, a cuja memoria presta justa homenagem a nossa revista.

Na manhã de 14 do mez findo falleceu, victima de antigos padecimentos, o sr. conde das Alcaçovas, D. Caetano de Salles Henriques Pereira de Faria de Vasconcellos Lencastre, rodeado da sua familia, e depois de lhe haverem ministrado, a seu pedido, os soccorros espirituaes da santa egreja.

O velho fidalgo era um crente. Como os patriarchas, de que faz menção o Genesis, era venerado pela sua numerosa descendencia, pe-

los que tinha ao serviço da sua casa, pelas pessoas das suas relações, e pelos muitos pobres que soccorria sem fazer alarde da celeste virtude, que d'esse modo praticava. Verdadeiro christão jámais esperou outras recompensas para seus actos, que não fossem as reservadas por Deus e destinadas aos que depositam inteira confiança na providencia divina. Por isso ao Senhor entregou serenamente a sua alma bem formada

D. Caetano, 2.^o conde das Alcaçovas, par do reino, por successão, desde 22 de março de 1843, gentilhomen da camara de sua magestade el-rei D. Fernando II, 13.^o senhor das Alcaçovas, commendador da ordem de Christo, gran-cruz das ordens de Ernesto Pio, de Saxe Coburgo Gotha e da de Carlos III de Hespanha, nasceu a 24 de agosto de 1819 e casou em 1842 com D. Theza de Souza Holstein, 3.^a filha dos primeiros duques de Palmella, dama de honor da rainha D. Maria II, e fallecida 23 annos depois do seu consorcio, do qual nasceram dez filhos. Dois d'estes, que não sobreviveram a seu pae, foram: o 3.^o conde D. Luiz e D. Pedro, capitão de fragata da marinha portugueza, ambos muito distinctos pelas suas excellentes qualidades pessoaes.

A familia Alcaçovas descende de D. Fernando Henriques, neto do rei D. Henrique de Castella, e que veio para Portugal no reinado de D. Duarte. O titulo de senhores das Alcaçovas d'Evora foi dado por carta regia de 14 de agosto de 1449, no reinado de D. Affonso V e sob a regencia da rainha D. Leonor. O de conde foi mercê de D. Maria II, em 1 de dezembro de 1834.

Sucedeu D. Caetano de Salles, na



ANTONIO URBANO MONTEIRO DE CASTRO

FALLECIDO EM LOANDA A 23 DE DEZEMBRO DE 1893

uma penna de ouro cravejada de brilhantes offercida pelos negociantes d'aquelle concelho, a qual além da dedicatoria que tem gravada, lhe foi junto um documento honrosissimo para Monteiro de Castro.

Eis a honrosa mensagem:

«Dondo, 1 de janeiro de 1882.

Como tributo de reconhecimento e apreço aos levantados dotes de intelligencia de V. Ex.^a, e porque d'ella tem V. Ex.^a sabido dispôr em defeza dos interesses do commercio da provincia, e muito principalmente dos do Dondo, no que toca ao banco ultramarino, e por consequencia á companhia dos vapores no Quanza, — vem o commercio do Dondo, de quem somos encarregados, apresentar a V. Ex.^a o testemunho da sua muita gratidão. A penna de ouro, que o commercio do Dondo offerce a V. Ex.^a, é objecto talvez sem valor que signifique e atteste o nosso respeito aos seus altos merecimentos—é verdade; —mas a falta d'aquelle poderá ficar substituida pela muita e boa vontade



CONDE DAS ALCAÇOVAS

FALLECIDO EM 14 DE FEVEREIRO DE 1894

casa dos Alcaçovas, a seu pae em 3 de setembro de 1843, e no titulo de conde a seu irmão D. Francisco de Salles Henriques, 1.^o conde das Alcaçovas. Por causa do fallecimento d'este deixou de concluir os seus estudos na universidade de Coimbra, da qual teve de retirar-se para vir tomar conta da sua casa.

Era pois, como se deprehende d'este esboço biographico, representante de uma das mais nobres familias do reino, e cujas tradições elle soube sempre manter e honrar.

Poucas vezes lhe apertámos a mão, que tinha limpa de toda a mancha, mas era grande a sympathia que nos inspirava.

Paz á sua alma.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Modesto & C.^{as}, Imp. — R. Nova do Sacramento, 20 e 22 — Lisboa